

# ANDRÉ LUÍS N. SOARES

## A "Navalha de Occam" e a Simplicidade da Teoria da Sobrevivência

<http://paginas.terra.com.br/educacao/espirito/>

Rio, 08 de dezembro de 2006

### RESUMO

Este artigo visa corrigir o equívoco interpretativo que se espalhou em dizer que as teorias parapsicológicas atendem mais ao Princípio da Parcimônia de William de Ockham do que a teoria sobrevivencialista. O Espiritualismo moderno ou Espiritismo ao alegar a sobrevivência da consciência passa a ser teoria mais simples comparativamente a alternativa parapsicológica chamada Super-PSI, quando esta evoca a conjugação de mais de um fenômeno PSI; ou no máximo, de mesma complexidade, quando apenas um fenômeno Super-PSI for apresentado (ex: telepatia ou retrocognição em potências avultosas), pois, neste caso, a flexibilidade de Super-PSI é ainda mais um argumento para o encaixe teórico. Não obstante, em qualquer hipótese parapsicológica não compreendida no dualismo-sobrevivencialista, é premente demonstrar que PSI é mero epifenômeno do cérebro, como pretende parte de pesquisadores a exemplo da proposta relação entre uma interpretação fiscalista de PSI com princípios da física quântica.

### 1. INTRODUÇÃO

#### (a) Conceito

É atribuída ao filósofo e teólogo britânico **William of Ockham** (1285-1349) a elaboração do "**princípio da parcimônia**" [Lo Re 3rd e Bellini, 2002], o qual encontra-se firmemente incorporado a todas as áreas do conhecimento científico atual, sendo especialmente empregado na investigação das causas de fenômenos naturais [Novak, 2004]. O princípio da parcimônia traz agregada a visão de que a natureza é por si só econômica e que, portanto, a explicação mais simples, capaz de abranger o maior número de observações relacionadas a um fenômeno, deve ser assumida como a prevalente, acautelando-se frente ao acréscimo probabilístico de erros associado às explicações mais complexas [Fastovsky e Weishampel, 1996]. Trata-se deste modo de um roteiro lógico que prima pela simplificação dos elementos causais para a produção de um efeito.

O hábito de exclusão ou eliminação das explicações mais complexas em favor das mais simples durante a investigação científica levou à freqüente utilização do termo "navalha de Occam" ("Occam's razor" - contendo a simplificação do nome "Ockham" de forma a contemplar a sua pronúncia medieval) em referência ao princípio da parcimônia. De acordo com Grünwald [2000], a navalha de Occam é utilizada para remover tudo o que é largamente improvável, e por isso mesmo desnecessário [COIMBRA e JUNQUEIRA, 2005].

## (b) Limites

Entretanto, é de se inferir que não basta que no conflito de teorias a justificar um fenômeno seja eleita aquela que o explica com um menor número de suposições. Imprescindível que a teoria tida como paradigma dê conta de todos os resultados obtidos. É neste momento que a filosofia Kuhniana, de certa forma, se aproxima de Ockham. As teorias mais simples que não elucidam toda a conjectura, deixando brechas, ou melhor, anomalias no dizer de Kuhn, devem dar espaço a hipótese que melhor clareia as ocorrências sem deixar lacunas, mesmo que esta carregue um maior número de suposições. A navalha de Occam é, pois, tentar cortar os excessos de premissas sem prejudicar a consistência teórica em explicar mais eficientemente todos os dados coletados. WALTER CHATTON, contemporâneo de Ockham, afirmava que *"se três entes não forem suficientes para verificar uma afirmação acerca de algo, então uma quarta deve ser acrescentada, e assim por diante"*. LEIBNIZ (1646-1716), KANT (1724-1804), KARL MENGER (século XX) também discordaram da navalha de Occam. LEIBNIZ afirmou que *"a variedade de seres não pode ser diminuída"*. MENGER formulou a lei contra a avareza, segundo a qual *"as entidades não podem ser reduzidas até o ponto da inadequação"*, e *"é inútil fazer com pouco o que requer mais"* [\[WIKIPEDIA\]](#).

## 2. NAVALHA DE OCCAM E O PARANORMAL

Muitos parapsicólogos ao analisarem a fenomenologia paranormal valem-se do "princípio da parcimônia", de maneira absoluta, para julgar a explicação PSI [1] como mais razoável em relação às justificativas espiritualistas. Generalizam suas conclusões imprudentemente a toda sorte de ocorrências, quando não argumentam sob camuflagens de uma visão científica a esconder, em verdade, um dogmatismo científico tão pernicioso quanto a prevenção emocional do fideísmo religioso no passado.

[1] Os fenômenos Psi podem ser classificados, quanto à forma de apresentação, em extra-sensoriais e psicocinéticos. Os extra-sensoriais, identificados pela sigla PES (*extrasensory perception*) são os fenômenos que envolvem conhecimento. Podem ser ainda classificados quanto ao tipo, em telepatia, quando fonte e receptor forem seres humanos e em clarividência, quando a fonte é o meio ambiente. Quanto ao tempo, esses fenômenos podem ser classificados em retrocognição, simulcognição e precognição, quando estiverem relacionados, respectivamente, ao passado, ao presente e ao futuro. Os fenômenos psicocinéticos, identificados por PK (psychokinesis) são caracterizados pela ação sobre o meio ambiente. Quando esta ação for diretamente observável será dita macro-PK, e quando microscópica, micro-PK. Atualmente, *Pesquisa Psi* é o termo que designa a Parapsicologia, todavia, ambas se ocupam da mesma área de estudos.

Apreciando o princípio em epígrafe verifica-se que a explicação mais simples é aquela que possui o menor número de proposições para elucidar um fenômeno. Vejamos um exemplo em fisiologia [Bradley et al, 2000]:

**"o princípio da parcimônia deve ser aplicado ao construir-se a lista de diagnóstico diferencial. Considere um paciente com uma história de lesão progressiva da medula espinhal que subitamente se torna afásico. Talvez ele tivesse um tumor comprimindo a medula espinhal (1ª proposição) e tenha incidentalmente apresentado um AVC (2ª proposição), mas a parcimônia sugere uma doença única, provavelmente câncer com múltiplas metástases (uma única proposição)"** [\[COIMBRA e JUNQUEIRA, 2005\]](#).

A navalha de occam é, pois, justamente conferir a preferência exegética à suposição que carrega um menor número de explicações e que seja coerente em abranger todos os dados observados.

No que tange a observação dos supostos acontecimentos paranormais, alegam alguns parapsicólogos que o elemento espiritual é uma proposição a mais a fim de justificar a causa das ocorrências do gênero e que, portanto, a hipótese PSI deve prevalecer uma vez que prescinde de um "agente externo" como concausa dos fenômenos. Desta maneira, sustentam que as alegações dos sobrevivencialistas sobre mediunidade ou casos sugestivos de reencarnação necessitam de uma consciência desencarnada agindo no médium ou, no último caso, de uma consciência que sobrevive ao corpo para explicar retrocognição, telepatia, clarividência, memória extra-cerebral e outros fenômenos atípicos. Por outro lado, sustentam os adeptos da PES (percepção extra-sensorial) que PSI como epifenômeno do cérebro resolveria melhor os episódios comentados, vez que não necessita de mais uma proposição e que por isso é uma explicação mais simples.

### 3. FISCALISMO E DUALISMO RADICAL

A rigor, em neurociência, o fiscalismo epifenomenalista é mais simples que o dualismo mente-cérebro, pois despreza a existência da mente, não obstante o materialismo-emergentista já aceitar a consciência, como conjunto de experiência subjetivas, apesar de reduzi-la a um efeito cerebral. Tudo estaria perfeito ao raciocínio materialista se não fossem os achados em pesquisas psíquicas, a partir do século XIX, onde diversos casos passaram a sugerir que consciências de pessoas falecidas estavam, de alguma forma, comunicando-se com os vivos. Daí em diante, os dualistas radicais ganharam um reforço aos seus argumentos, tendo os materialistas que desenvolver teorias que pudessem explicar o paranormal ou quando não tomar a atitude temerária de negar a sugestão destes novos fatos.

Passado o período metapsiquista e iniciada a era parapsicológica com J. B. RHINE e L. RHINE, a postura preventiva da ciência resistiu fortemente aos dados, agora analisados quantitativamente, que sugeriam paranormalidade e, embora o reconhecimento pela *American Association for the Advancement of Science* em 1969, a parapsicologia ainda sofre críticas que alegam tanto a inexistência de sugestões de anomalias nos experimentos quanto a falta de um teste eficiente, que exclua outras variáveis [ex: a postura do pesquisador], **para correlacionar PSI - se ela existir - com a consciência** [[BLACKMORE](#), 1996].

Todavia, se admitida a existência de PSI, não se terá como outra solução viável para o problema da consciência, salvo o dualismo radical, pensamento que sustenta a mente como algo independente do cérebro. A razão é que todas as tentativas para explicar os fenômenos parapsicológicos como efeitos cerebrais têm sido fadadas ao fracasso. Não existe, até o presente, nenhuma comprovação ou teste que indique a existência de alguma forma de comunicação proveniente do cérebro capaz de transmitir/captar informações. Não conhecemos qualquer forma de radiação que poderia agir como portador da informação, e não há modo ainda concebível que demonstre como a mensagem poderia ser codificada na fonte e decodificada no receptor. A tentativa para superar essa objeção recorrendo-se a *ressonância mórfica* que une cérebros é inútil ao menos que haja algum princípio que responderia pela *seletividade* da informações envolvidas. Recorrer a *física quântica* [ver: [PENROSE-HAMEROFF](#), 1998] e a *teoria observacional* também não nos aproximou a uma explicação física [não há um método testável para constatação]. Christof Koch e Kalus Hepp, em artigo publicado na *Nature*, defendem que explicar a consciência a partir de

processos de computação quântica é desnecessário, pois devido aos processos bioquímicos e neurológicos seria absolutamente impossível manter-se estável um estado de coerência quântica [KOCH e HEPP, 2006]. Deste modo, restou-nos ou invocar a consciência, que de qualquer jeito não é uma variável física, ou atribuímos capacidade PSI ao cérebro sem qualquer justificativa, simplesmente porque a atividade cerebral deveria ter este efeito [BELOFF, 1990], o que seria um tanto dogmático.

Acrescentando agora mais um argumento e sem perder muito nosso precioso tempo, mas apenas para pinçar um pensamento filosófico, nenhum efeito tem natureza tão distinta da de sua causalidade. Mesmo se raciocinarmos dentro de uma visão *neo-darwinista*, parece a Natureza lançar o subsequente com uma composição - não estou dizendo características - não tão diferenciada da do seu antecedente. PSI como um produto do cérebro não responderia a esse paralelo. A fenomenologia parapsicológica tem inegavelmente uma sugestão muito mais forte de ser estruturada por uma natureza ainda desconhecida pelo homem do que ser mais um epifenômeno do cérebro. Como já dito, não há nada em termos científicos que diga que o cérebro tenha essa incrível capacidade.

Posto assim, é mais coerente aos teóricos materialistas alegarem a inexistência de PSI para sustentar o reducionismo ou, quando não tão afoitos, resta a eles articular que os dados são ainda inconclusivos. A parapsicologia, ao se preocupar exclusivamente em uma análise quantitativa, assume o risco de diluir a constatação de PSI, bem como torna-se vulnerável a críticas, que desconfiam desde a credibilidade do pesquisador e erros estatísticos até questionamentos frente a validade dos procedimentos, presença de pistas fornecidas inconscientemente pelos experimentadores e relatórios mal elaborados que registram apenas os pontos positivos. Por outro lado, apesar da abordagem qualitativa - *tida pelos sobrevivencialistas como principal método para separar eventos mediúnicos de PSI* - também ter seus problemas, como a repetibilidade, o fato é que quanto maior a potência de um evento paranormal, mais difícil fica de associá-lo a *PSI como um produto do cérebro*. Situações como as 17 sessões celebradas em Milão, em 1892, por **Cesare Lombroso, Aksakof, Richet, Giorgio Finzi, Ermacora, Brofferio, Gerosa, Schiaparelli e Du Prel** com a médium PALADINO, produzindo 44 espécies de fenômenos inexplicados por qualquer teoria física até o presente, abre uma brecha enorme para a existência de alguma faculdade consciencial que parece não depender direta ou indiretamente do cérebro para se expressar [LOMBROSO, 1892].

Tudo fica ainda mais sugestivo à sobrevivência da consciência quando uma pessoa adquire informações de um morto não conhecidas por ninguém e as exteoriza linguística e corporalmente com os mesmos jeitos da pessoa falecida, bem como a descrição dos sentimentos desta experimentados quando em vida e com toda a carga de dramatização sentida, tudo confirmado, durante a sessão, por parentes ou pessoas próximas. Em 1918, uma das maiores sensitivas na história do espiritualismo, Gladys OSBORNE Leonard foi exclusivamente submetida a 73 Sessões pela *Society Psychical Research*, num período de três meses, produzindo os mais prodigiosos fenômenos de PES com a entidade controle chamada Feda. O relatório de **W. H. Salter** [SMITH, 1964] confirmou como sendo uma notável evidência de sobrevivência da personalidade. Osborne foi testada por muitos outros pesquisadores, que compartilharam a mesma opinião, como **Hewat McKenzie, Oliver Lodge, Drayton Thomas, Whately Carington, William Brown**, são apenas alguns [ver também: GAULD, ALAN. *Mediunidade e Sobrevivência, um século de investigações*]. Tais grandiosos fenômenos paranormais altamente sugestivos da comunicabilidade de consciências de pessoas já falecidas foram, em potência, igualmente observados nos testes aplicados por **Oliver Lodge, Richard Hodgson, James Hyslop, Edmund Gurney, Verral, Holland**, e tantos outros intelectuais, à Sra. Leonora PIPER, uma médium analisada por décadas. Para se ter uma idéia, só em 1906, quando ela visitou pela segunda vez Londres, foi submetida a 74 sessões. **Mr. Piddington** declarou em suas conclusões que as coincidências de pensamento e expressões em várias mensagens supostamente

transmitidas por personalidades falecidas são tão numerosas e detalhadas que o acaso é incapaz de explicar [ver: [CARVALHO](#), 1986]. Invocar Super-PES para casos desta categoria é, no máximo, disfarçar ou adiar o esforço que se terá de realizar para explicá-los. Para fenômenos desta monta bastaria aos dualistas radicais, que sustentam que a mente independe do cérebro, alegar unicamente a manifestação da consciência de pessoa falecida, enquanto para o monismo-fisicalista - que admite a existência de PSI - premente seria a evocação do que chamam *Super-PSI*, com sua potência retrocognitiva, telepática, clarividência e agora com transmissão de experiência subjetiva e, por último, ainda demonstrar que essa alegada "grande capacidade mental" é mero epifenômeno do cérebro, com todas as assunções de um inconsciente maravilha. Se OCKHAM estivesse vivo, convenhamos logo que dificilmente ele acharia isso parcimonioso.

#### 4. A CLÁUSULA GERAL DE JUSTIFICAÇÃO NA PARAPSILOGIA

É conveniente ressaltar que da forma como a telepatia e demais espécies de PES são conceituadas pela parapsicologia elas possuem tantas proposições quanto à hipótese espíritos, ocorre que até o presente não houve correlação entre este fato e o pensamento acadêmico. Senão vejamos. Os partidários PSI usam de uma *"cláusula geral de justificação"* para fazer o vínculo de determinadas ocorrências com a PES. Esta cláusula reside na questão de dizer que os limites da PSI são desconhecidos e que, portanto, ela poderia muito bem abarcar todos os acontecimentos supranormais. É certo que admitem que a ignorância das fronteiras não se confunde com ilimitação do alcance fenomenológico, no entanto, absurdo é articular este desconhecimento a fim de explicar fenômenos que pela lógica e dados coletados podem se relacionar eficazmente com outras teorias. A ausência de conhecimento do alcance da percepção extra-sensorial mais se parece uma carta na manga para determinados parapsicólogos, dotada de eficácia suspensiva que lhe concedem tempo para que suas teorias continuem - pelo menos para eles - a explicar toda espécie de eventos paranormais. Em poucas palavras: toda vez que se alegar à insipiência dos limites da PES para clarear uma situação deve-se, na realidade, considerar então o fenômeno como uma *anomalia*, tal como sintetizada por Thomas Kuhn, dentro do corpo teórico da parapsicologia. Ou sob o prisma da parcimônia de Ockham, deve-se fazer a predileção por outra teoria, ainda que seja mais complexa. Posto assim, aí reside todo o perigo para os sectários reducionistas em PSI, eis que, por razão desta insistência em querer ser a causa geral de todos os prodígios, dificultam sobremaneira o reconhecimento científico de seus estudos justamente por não conseguirem concatenar a lógica de suas teorias aos diversos fatos e que, por assim, dão ensejo à emergência de inúmeras anomalias e divergências internas.

Mas então qual deveria ser o limite da PSI? OCKHAM ao sintetizar o princípio da parcimônia almejou a estabelecer um juízo objetivo para a prevalência de uma teoria sobre outra, então, estampou seu raciocínio num critério mais ou menos quantitativo. Se uma teoria é suficiente a explicar determinado fato com certo número de premissas, seria supérfluo e incoerente dar azo a uma nova que traga um maior número delas e que seja, portanto, mais complexa. Se o simples é bastante, por que complicar? Era do seu conhecimento que os homens não estão inclinados a mecanismos de avaliação subjetivos, uma vez que necessitam de uma certa base segura para começarem a desenvolver suas idéias. Deste modo, o pesquisador precisa de uma estrutura razoavelmente sólida de raciocínios e que estes estejam consideravelmente estáveis através de critérios objetivos aceitos por seus Pares. A fim de ser mais enfático: foi preciso normatizar, criar regras que irão compor um verdadeiro "Código Científico" onde a *Navalha de Occam* é apenas mais uma delas. A discricionariedade é vista como um real incômodo na comunidade científica que tenta, ao menos em tese, extirpar todo o subjetivismo e conveniência dos meios de validação de

pesquisas. É, pois, no âmago do princípio da parcimônia que provavelmente a PSI encontrará seus limites. Toda vez que se deparar o indivíduo invocando aquela “**cláusula geral de justificativa**” em cima de determinado episódio, argumentando sobre uma possível chance de PSI ser causa, todavia, sem articular qualquer testabilidade, mas tão somente a alegação de que “*por serem ignorados os limites do cérebro, ele poderia explicar o fato*”, neste momento, ter-se-iam ultrapassadas as barreiras de sua aplicação.

É de conhecimento que diversos casos podem ser clareados apenas por PSI, notadamente os concernentes à telepatia, uma vez que pelo conjunto de evidências, como as informações prestadas pelos sensitivos, não exigir à elucidação o concurso de uma concausa: a consciência de um falecido. Para todas estas situações a PSI é satisfatória. Aí está a sua divisa. Para além dela, ao sabor do chamam *Super-PSI*, ela é mais que imponderável, tendenciosa, ou quase dogmática, características que se acentuam ainda mais quando existe outra teoria capaz de explicar os fenômenos com o mesmo número de suposições ou menos, se considerarmos cada fenômeno PSI conjugado para explicar o fenômeno de maneira isolada (ex: **a.** retrocognição; **b.** telepatia, **c.** clarividência, direcionadas a um alvo e como efeitos de uma ação cerebral **Vs.** **a.** consciência do médium e **b.** consciência desencarnada).

## 5. A RELAÇÃO PSÍQUICA

No embrião da parapsicologia que foi a metapsíquica pesquisadores articulavam, por exemplo, a premência de liame psíquico na telepatia, ou seja, acreditavam que para aceitar a potência telepática como razoável elucidação deveria haver, ao menos, alguma identidade entre sensitivo e paciente, como se conhecerem direta ou indiretamente ou proximidade física ou ainda auxílio dos sentidos normais e mesmo assim através de uma interpretação integral com todas as informações obtidas. Observem ainda que a metapsíquica fazia análise qualitativa, pois pesquisava em cima de sensitivos possantes enquanto agora a parapsicologia se debruça mais em exames quantitativos independente de existência visível de PSI em seus pacientes. Ora, se a razão já orientava que em estudos sobre sensitivos ostensivos fosse plausível exigir nexos psíquico, quanto mais será então a cobrança quando a investigação recaia em cima de indivíduos que não tenham potências PSI em alto grau?

Assim dizer, argumentar a ignorância de limites para sustentar a aplicabilidade da teoria PSI, mesmo que não haja conjugação de fenômenos PSI, em determinados casos é ainda acrescentar mais uma proposição, além da PES específica do caso concreto *sub examem*, pois, exemplificando, em determinadas situações argumentariam alguns parapsicólogos duas assertivas: **a)** telepatia e; **b)** desconhecimento do alcance telepático, enquanto a hipótese espíritos também duas: **a)** psiquismo do médium e; **b)** uma consciência desencarnada. Afirmar que não se sabe o limite da percepção extra-sensorial é mais uma proposição, pois a tirando do contexto, a explicação unicamente parapsicológica não se subsiste. Ela decai. Em resumo, embora para a hipótese PSI possa haver um único fenômeno, sua aplicabilidade para todos os casos é carente de mais uma proposição, só que intrínseca a ela mesma, ou seja, necessita daquela “**cláusula geral de justificação**” que diga que os limites da telepatia do exemplo são ainda ignorados, sob pena de sucumbir frente ao paranormal que está além das fronteiras. De outro prisma, observe que, em termos argumentativos, que a dita ignorância dos alcances de PSI veio substituir a proposição fixa da *necessidade de conexão psíquica entre sensitivo e paciente*, só que de uma forma tão geral que não se tem como refutá-la. Este “desconhecimento” poderia ser invocado em tese para tudo, pois, se não se sabem os seus perímetros, nada impede que eles não existam. É um verdadeiro cheque em branco a ser preenchido como argumento na ocasião de cada manifestação paranormal. Isto é parcimonioso?

Todavia, para todos os casos em que não haja necessidade de invocar Super-PES e nem haja a concorrência de mais de um fenômeno PSI, as teorias parapsicológicas devem prevalecer por, justamente, usar uma proposição a menos, enquadrando-se melhor no princípio da parcimônia de OCKHAM, mas sempre com a ressalva de que a causa de PSI pode ser uma mente independente do cérebro e não mero epifenômeno. Não é porque no evento observado, mesmo PES ou micro-PK, não se constata mediunidade que ele exclui a teoria sobrevivencialista.

## **6. A NECESSIDADE DE CONJUGAR FENÔMENOS PSI AUMENTA A COMPLEXIDADE DA TEORIA PARAPSIOLÓGICA**

A necessidade da interpretação sistemática dos fatos, autolimitadora do próprio princípio da parcimônia, eis que, qualitativamente, exige que para uma solução seja concludente mister que suas premissas sejam razoavelmente satisfatórias. Premissas científicas são satisfatórias, no mínimo, quando depois de observadas em confrontação a todos os dados coletados permanecem coerentes. As que não forem devem ser excluídas, sob pena de retirar a consistência da teoria como causa do fato em análise o que dará ensejo a uma anomalia caso o teórico não faça concessão frente a fenômenos daquela natureza.

Vejam os casos relatados pelo prof. Oliver LODGE no *Journal of the S.P.R* concernente a correspondências cruzadas:

Como explicar tais formas de transmissão mental de uma pessoa a outra? Tomemos o episódio da palavra “Honolulu” por mim citado no livro “Raymond”. O grupo familiar de experimentadores de Birmingham pediu à personalidade mediúnica “Raymond” para transmitir a palavra “Honolulu” a outro grupo de experimentadores em Londres, e a palavra foi transmitida. Ora, o caso pode explicar-se considerando-o uma experiência telepática, mas a [sic] circunstância que não se deve esquecer, pois que constitui o lado dramático da interpretação é esta: o encargo de transmitir a mensagem foi dado a “Raymond”, que se achava em relações com os dois grupos de experimentadores.

E, assim sendo, não se pode deixar de reconhecer que se o episódio se pode explicar telepaticamente, **pode-se interpretar ainda melhor, pressupondo que o espírito “Raymond” tenha efetivamente transmitido como intermediário a mensagem que lhe foi confiada.**

Ernesto BOZZANO corrobora o entendimento em sua obra *“Comunicações mediúnicas entre vivos”*, p. 118:

A última interpretação dos fatos parece mais legítima do que a outra porque nesta se leva em devida conta a circunstância fundamental que confere valor ciclo inteiro das experiências em apreço, isto é, que as manifestações da entidade espiritual “Raymond”, constituem o fim e a razão de ser das próprias experiências e, como a mesma entidade já havia fornecido provas bem notáveis em favor da sua identificação pessoal, segue-se que, **querer separar o episódio exposto do complexo orgânico dos outros episódios, explicando-o de forma diversa, seria um procedimento arbitrário e anticientífico.**

Como se pode depreender pelas transcrições acima, o princípio da parcimônia também não deve ser apreciado como absoluto em virtude da importância em se analisar um fenômeno em correlação com todos os outros produzidos. A interpretação cingida dos fatos, como bem

lembado por Bozzano, é anticientífica. Mister, por conseguinte, que a análise acurada leve em conta todas as ocorrências sob os auspícios de uma exegese integrativa e que evite assim a divisão de pontos tão perniciosa ao desenvolvimento do conhecimento, pois que, por vezes, maliciosamente articulada para agradar as mentes de raciocínios sectaristas do pseudocientificismo. Posto assim, premente é a glosa sistemática, de caráter principiológico, eis que se estende a qualquer ramo das pesquisas científicas.

## 7. CONCLUSÃO

Enfim, diante de todo o exposto, é de se concluir que o Espiritualismo moderno ou Espiritismo ao alegar a sobrevivência da consciência passa a ser teoria mais simples comparativamente a alternativa parapsicológica chamada Super-PSI, quando esta evoca a conjugação de mais de um fenômeno PSI; ou no máximo, de mesma complexidade, quando apenas um fenômeno Super-PSI for apresentado (ex: telepatia ou retrocognição em potências avultosas), pois, neste caso, a flexibilidade de Super-PSI é ainda mais um argumento para o encaixe teórico. Não obstante, em qualquer hipótese parapsicológica não compreendida no dualismo-sobrevivencialista, é premente demonstrar que PSI é mero epifenômeno do cérebro, como pretende parte de pesquisadores a exemplo da proposta relação entre uma interpretação fiscalista de PSI com princípios da física quântica.

### ALGUNS LINKS CONSULTADOS:

BELOFF, John. **Parapsychology and Radical Dualism.**

<http://moebius.psy.ed.ac.uk/~dualism/papers/radical.html>

BLACKMORE, Susan. **Why psi tells us nothing about Consciousness.**

<http://www.susanblackmore.co.uk/Conferences/tucson96.html>

CARVALHO, Antônio Cesar Perri de. **Os Sábios e a Sra. Piper - prova da comunicabilidade dos espíritos.**

<http://paginas.terra.com.br/educacao/espírito/piper.html>

COIMBRA, Cicero Galli e JUNQUEIRA, Virgínia Berlanga. **Como o "princípio da parcimônia" ou "navalha de Occam" pode ser utilizada na compreensão da fisiopatologia da doença de Parkinson do tipo esporádico.**

<http://www.unifesp.br/dneuro/nexp/riboflavina/i.htm>

HAMEROFF, Stuart. **Quantum computation in brain microtubules? The Penrose-Hameroff "Orch OR" model of consciousness.**

<http://www.quantumconsciousness.org/penrose-hameroff/quantumcomputation.html>

KOCH, Christof e HEPP, Klaus. **Quantum mechanics in the brain.**

[http://www.nature.com/search/executeSearch?sp-a=sp1001702d&sp-sfvl-field=subject|ujournal&sp-x-1=ujournal&sp-p-1=phrase&sp-q=\\* &sp-p=all&sp-q-2=Christof Koch&sp-x-2=uai&sp-d=custom&sp-x-10=pubday&sp-q-10=30&sp-x-11=pubmonth&sp-q-11=03&sp-x-12=pubyear&sp-q-12=2006&sp-s=date&sp-c=10](http://www.nature.com/search/executeSearch?sp-a=sp1001702d&sp-sfvl-field=subject|ujournal&sp-x-1=ujournal&sp-p-1=phrase&sp-q=* &sp-p=all&sp-q-2=Christof Koch&sp-x-2=uai&sp-d=custom&sp-x-10=pubday&sp-q-10=30&sp-x-11=pubmonth&sp-q-11=03&sp-x-12=pubyear&sp-q-12=2006&sp-s=date&sp-c=10)

LOMBROSO, Cesare. **Fenômenos espíritos com Eusápia.**

<http://paginas.terra.com.br/educacao/espírito/lombroso.html>



SMITH, Susy. **The Mediumship of Mrs. Leonard.**  
<http://www.enformy.com/LeonardCh02.htm>

WIKIPEDIA: A Enciclopédia Livre. **Navalha de Occam.**  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Navalha\\_de\\_Occam](http://pt.wikipedia.org/wiki/Navalha_de_Occam)